

# O MUSEU COMO FONTE DE INFORMAÇÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

## THE MUSEUM AS A SOURCE OF INFORMATION IN INITIAL TEACHER TRAINING

Clarisse Cancela, clahcancela@gmail.com  
Guaracira Gouvêa, guaracirag@uol.com.br  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo:** O trabalho consiste na investigação das práticas cotidianas de estudantes no sentido de busca à informação fora da sala de aula. Não é prática da maioria ir a museus, bibliotecas, arquivos, logo, são espaços estranhos a eles que muitas vezes não sabem como usufruir da informação que estes lugares proporcionam. Investigamos como se dá este estranhamento (e se há) ao encontrar estas novas fontes de informação, e ensiná-los a utilizá-las na vida acadêmica com aquelas que já possuem, além de saber distinguir as informações no sentido de serem proveitosas ou não, e construir seu caminho de busca e uso destas.

**Palavras-chaves:** Informação; museu; práticas educativas

The work is to investigate the daily practices of students in order to search for information outside of the classroom. It is not practical for most to go to museums, libraries, archives, so spaces are strangers to them that often do not know how to get the information they provide places. We investigate how this estrangement (and whether) to find these new sources of information, and teach them how to use them in the academic life with those who already have, and to distinguish the information in order to be useful or not, and build their own search path and use these.

**Keywords:** Information, museum; educational practices

**Resumo estendido:** O tema desta investigação, iniciada em março de 2012, se refere às práticas cotidianas dos estudantes ao buscarem informações por meio de atividades distintas, como desde ida a museus até utilizarem sites específicos. O museu escolhido para a investigação foi o Museu de Astronomia e Ciências afins (MAST). O conceito de “informação” evoluiu ao longo do tempo, visto que é uma palavra com riqueza semântica. Como estamos trabalhando com a “informação” dentro do contexto museal, destaco o conceito dado por D. McKay e N. Belkin, levantado por McGarry, pois o museu é constituído de representações: É o que se acrescenta a uma representação. Recebemos informação se o que conhecemos é alterado. Informação é o que logicamente justifica alteração ou reforço de uma representação ou de um estado de coisas. As representações

podem ser explícitas (como em um mapa, ou em uma proposição), ou podem estar implícitas no estado de atividade dirigida do receptor. Informação é tudo o que for capaz de transformar a estrutura. (LOUREIRO, PINHEIRO, 1995, p.5)

Para o museu, o estudo da informação é importante, visto que há dois momentos de destaque na história: num primeiro momento o museu não era aberto ao público, e apenas voltado para ensino e pesquisa dos pares. Seu objetivo era gerar pesquisadores e, com isso, a informação produzida circulava apenas entre este grupo restrito. Depois, com a abertura ao público, no século XVIII, o museu precisou se reinventar. Como adaptar a informação que era produzida apenas para os pesquisadores para o entendimento do público leigo? Neste aspecto as coleções tiveram papel de destaque atuando como “suporte de demonstração” (VALENTE, 2003, p.31) e servindo para difusão e estudo do que se pretendia. Como os estudantes de hoje buscam a informação? Esta é a nossa questão basilar para este trabalho. Os estudantes ingressos nas universidades trazem uma experiência de suas práticas cotidianas (CERTAU, 1994) com a busca da informação, elaborando conceitos de pesquisa e estudo. Para estudarmos essas experiências organizamos atividades de busca de informação em diferentes fontes que, talvez, produzissem um estranhamento nos sentidos cotidianos dos estudantes iniciantes em sua formação. Para tal, levamos uma turma de 40 alunos de uma cadeira de primeiro período de um curso de licenciatura em pedagogia de uma universidade pública federal ao MAST, um ambiente que é tido como centro de referência brasileiro em educação não formal em ciências (FRANCO, GOUVÊA, QUEIROZ, 2003). Houve palestras com profissionais da casa (arquivista, bibliotecária e museólogo) e depois uma visita à biblioteca e à nova exposição permanente (“Olhar o céu, Medir a Terra”). Tanto na biblioteca, quanto na exposição, os profissionais auxiliaram através de explicações sobre os ambientes e conteúdos, mas não no sentido de professor/aluno, e sim numa relação informal que permitia maior interação entre eles e os estudantes. Como tarefa para trabalho, a ser feito posteriormente, foi pedida aos estudantes uma reflexão sobre o que estavam percebendo, apreendendo, e como poderiam tirar informações daquele espaço. Depois, em casa, eles leram um texto sobre Divulgação Científica que é a informação transferida e reformulada da exposição, no caso de museus, para o público, ou seja, o MAST tem como objetivo fazer com que o público entenda a ciência numa linguagem decodificada, diferente da utilizada por pesquisadores. Além da leitura, foi pedido um trabalho que relacionasse a leitura com as impressões pessoais acerca da visita. Navegamos nesses textos reproduzidos a partir da noção de que na busca da informação está sempre em jogo uma mediação e construções de sentidos e, ainda, do ponto de vista de quem a elabora implica sempre acompanhamento, controle e negociação, enquanto na produção de sentidos o sujeito que a busca aprofunda seus conhecimentos e pode descobrir outros na interação com ela (ALMEIDA, 2008). Ou seja, por mais que o profissional fale a mesma coisa para 40 alunos, é muito improvável que os estudantes tenham a mesma percepção. A partir dessa leitura elaboramos categorias que dispusemos em uma tabela, onde destacamos (quantitativamente/empiricamente) os tipos de “fonte” (ex: exposição, biblioteca, palestra...); informação (se as fontes geraram informações); conhecimento (se as fontes geraram conhecimentos); formação (se foram citados aspectos relacionados à formação de

professores); outras fontes de consulta e relação entre texto e visita. O que chamou mais atenção foi que em termos de aprendizagem, o destaque foi a palestra dada pelos profissionais da instituição, com suas explicações claras e concisas. E, em termos de exposição, os destaques visuais foram os aparatos interativos (sistema solar e fuso horários), a ambientação e os instrumentos antigos exibidos, mas em termos de informação/conhecimento ela carecia de algum monitor para explicá-la. Neste caso, tivemos um museólogo da casa que fez a mediação, no entanto, sem ele não seria possível compreendê-la totalmente. Corroborando com o dito acima, o fato “de que a instituição museu de ciência e tecnologia tem como papel social, (...), aperfeiçoar o conhecimento científico no sentido de ampliar a cultura científica e a sua relação com outras culturas (...)”(FRANCO, GOUVÊA, QUEIROZ, 2003, p.213) e da possibilidade de explorar diferentes meios para alcançar seus objetivos, não quer dizer que vá atingi-los. Foi observado também que há um estranhamento quanto às possibilidades de busca da informação que esses espaços possibilitam em relação aos tipos de textos, objetos expostos, padrões de civilidade (como se comportar num museu?) e a contribuição para a formação desses estudantes. Assim, estamos considerando que é fundamental propiciar novas táticas de busca da informação para que os alunos talvez estranhem as que trouxeram de bagagem (não significa parar de utilizá-las) e possam acrescentar as novas táticas de buscas na vida acadêmica, gerando a possibilidade de abrir diferentes leques de narrativas e estratégias. Desta forma estamos iniciando o estudante em um dos aspectos de sua vida acadêmica que é a busca pela informação e o fato de não ter medo de buscá-las em ambientes considerados novos.

### **Referências Bibliográficas:**

- ALMEIDA, M. A. de. MEDIAÇÕES DA CULTURA E DA INFORMAÇÃO: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas Tendências da Pesquisa Brasileira. *Ciência da Informação*, Vol. 1, No 1, 2008, p.1-24
- CERTEAU, Michel, de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994
- FRANCO, Creso. GOUVÊA, Guaracira. QUEIROZ, Glória. Formação de Professores e Museus de Ciência. In: GOUVÊA, Guaracira. LEAL, Maria Cristina. MARANDINO, Martha. Educação e Museu: *A construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência*, 2003, p.207-220.
- LOUREIRO, José Mauro. PINHEIRO, Lena Vânia. Traçados e limites da ciência da informação. *Ciência da Informação*, vol. 24, número 1, 1995.
- VALENTE, Maria Esther. A Conquista do Caráter Público do Museu. In: GOUVÊA, Guaracira. LEAL, Maria Cristina. MARANDINO, Martha. Educação e Museu: *A construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência*, 2003, p.21-45.